

A SINGULARIDADE DA EXPERIÊNCIA COMO PERSPECTIVA PEDAGÓGICA E ARTICULAÇÃO ENTRE O PARTICULAR E O UNIVERSAL: POR DENTRO DA ESCOLA TÉCNICA MESQUITA

Paulo Renato Cardozo Soares - Escola Técnica Mesquita

EIXO:5. Trabalho – Educação e a Formação dos Trabalhadores (Educação Profissional, Tecnologias da Educação, Trabalho da Educação como Princípio Educativo).

Resumo: Este artigo refletirá sobre como, a partir de uma experiência de sala pode-se perceber os resultados efetivos de uma intencionalidade pedagógica que objetiva, tendo o trabalho como princípio educativo demonstrar aos educandos/as por meio das contradições oriundas das relações capital/trabalho a complexidade da sociedade capitalista.

Palavras chaves: experiência, trabalho, ideologia e inventário.

Introdução

INFLUÊNCIA

Onde o maior controla o menor

Onde existem o melhor e o pior

Onde a necessidade nos leva obediência

Mora aí a influência

Onde a realidade pode ser maldade

Onde a mentira pode parecer verdade

Onde o imoral pode parecer decência

Mora aí a influência

Onde tudo pode parecer nada e o dia repudiar a madrugada

*Numa forma clara da nossa prepotência, mesmo que não vejamos, aí
mora influência.*

Diego de Juli (curso o primeiro módulo de Automação Industrial da
Escola Técnica Mesquita, turma 107 C).

Este artigo nasce de uma necessidade pessoal, mas acredito ser também a angústia de muitos/as educadores/as que percebem o trabalho como princípio educativo, entendido por Gramsci

como princípio unitário entre o mundo do trabalho e o mundo da cultura, em nível de toda a vida social (GRAMSCI, 1988, p. 125), como sendo fundamental, por ser este o espaço da materialização das experiências sociais.

Neste sentido é preciso compreender a experiência a partir de um processo de tensão existente entre a experiência vivida e a experiência percebida¹ no cotidiano do espaço escolar, e entender por singular a maneira de como o educador/a vivencia e traduz as manifestações da universalidade no particular, em outras palavras, significa viver por meio das contradições oriundas da relação capital x trabalho, a possibilidade de articulá-las pedagogicamente².

O grupo Trabalho e Educação da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) demonstra, através de alguns pesquisadores/as a partir de argumentações diferentes - Arroyo, Frigotto, Nosella, Kuenzer³ –, um conceito alargado de educação, ou seja, um espaço de diálogo entre currículo escolar e outros espaços sociais.

O presente artigo não pretende reeditar falsas polêmicas sobre o que é mais ou menos importante refletir, sobre qual seria o ponto de partida para pensarmos alternativas que correspondam às respostas a serem dadas às questões trazidas pelas experiências, que são vivências únicas, por isso, não repetíveis.

Portanto, a proposta é refletir sobre resultados que surgem de uma intencionalidade pedagógica, comprometida com a emancipação humana e com a constituição de uma sociedade cuja igualdade social, política, econômica e cultural passe democraticamente pela afirmação das diferenças historicamente existentes na/s sociedades.

Desta forma, a base material que sustentará este artigo, partirá de respostas elaboradas por educandos/as do primeiro módulo dos cursos técnicos de Eletrônica, Mecânica e Automação

¹Conforme os professores Moraes e Müller, a experiência percebida move-se na direção do que Marx denominou de consciência social, portanto sujeita a imperfeições, falsificações e corrompida por interferências ideológicas. Para os mesmos professores, Thompson observa que existem regularidades no interior do ser social que, com frequência, resultam de causas materiais que ocorrem de forma independente da consciência ou da intencionalidade. Tais causas, inevitavelmente, dão ou devem dar origem à experiência vivida, mas essas não penetram como meros “reflexos” na experiência percebida, pois a experiência vivida está sempre em fricção com a consciência imposta e quando irrompe com os intrincados vocabulários e disciplinas da experiência percebida podemos vislumbrar alguns momentos de abertura e oportunidades, antes que se imponha mais uma vez o molde da ideologia. (MORAES e MÜLLER, 2003 p. 340 e 341).

²No contexto deste texto a contradição é vista como uma categoria metodológica de acordo com a professora Acácia Z. Kuenzer, (KUENZER, 1998, p. 65).

³Para maiores detalhamentos sobre esta discussão ver a obra “Educação e Crise do Trabalho: perspectiva de final de século”.

Industrial da escola, quando foram solicitados pelo componente curricular Sociologia do Trabalho na questão cinco da primeira avaliação⁴ do primeiro trimestre de 2012, manifestar o que haviam entendido pelo conceito de alienação através de linguagens artísticas (desenho, rima, charge, poema entre outras).

A ideia central é partindo de algumas respostas perceberem como podemos primeiro, trazer para dentro da escola outras formas de comunicação sociais utilizadas em outros espaços sociais; segundo como poderiam interagir pedagogicamente com a contradição entre a perspectiva de uma cultura fragmentada que historicamente constitui o currículo escolar e uma resposta que pressupõe uma elaboração, onde é preciso uma leitura minimamente articulada da realidade, a unidade do saber pensar e o saber fazer, na medida em que os conceitos trabalhados em sala de aula materializam-se numa síntese entre a experiência percebida e a experiência vivida.

Este artigo está organizado em dois momentos: o primeiro versará sobre a contextualização pedagógica na qual a avaliação do primeiro trimestre está inserida, e o segundo momento atende uma reflexão teórica sobre vivências únicas, por isso não repetíveis sob o ponto de vista singular, mas possíveis, a partir das manifestações do particular apreender as universalidades contidas nas articulações entre o currículo escolar e os espaços sociais. Para auxiliar nesta reflexão me socorrerei fundamentalmente em Freire, Gramsci e Thompson.

Por último é necessário afirmar que tenho clareza dos riscos que corro ao expor essas ideias, que são uma parte da pesquisa em andamento para realização da dissertação de mestrado em educação da PPGEDU/UFRGS. Penso que é na sua fragilidade que reside sua força, pois elas afloram no calor da intensidade, da surpresa não esperada e da esperada surpresa que nossos planejamentos pedagógicos não conseguem atingir com êxito, nosso reivindicado compromisso com o ato político de uma educação que emancipe e liberte a humanidade das relações sociais de produção capitalista.

Convicto que a prática social continua valendo como critério de verdade, e o conhecimento produzido nada mais é que a sistematização da experiência vivida entre seres humanos, mediados pelo trabalho ao transformar a natureza, então não é possível resistir aos riscos inerentes ao devir histórico.

Contextualização Pedagógica: a singularidade da experiência - ação

⁴Esta avaliação foi elaborada e aplicada pela professora Elen Tavares quando, por motivos de saúde me ausentei da escola.

Concebida e construída pelas mãos e sonhos de trabalhadores metalúrgicos da Grande Porto Alegre, a Escola Técnica Mesquita teve em seu mote inicial a proposta dos associados de terem acessos a uma escola que possibilitasse a seus filhos e a si mesmos aprenderem uma profissão.

A escola, atualmente, caracteriza-se pela efetivação de ações de formação e educação profissional, de nível básico e técnico, voltadas para os trabalhadores/as. Oferece atualmente quatro cursos técnicos (Mecânica, Eletrônica, Automação Industrial e Informática) direcionados para jovens e adultos que se distinguem, fundamentalmente, pela busca de formação pós Ensino Médio, no sentido do acesso ao mundo do trabalho. Oferece também Cursos de Qualificação Profissional, de curta duração e que possibilitam aos seus educandos/as adquirirem conhecimentos específicos em assuntos diversos e com aplicação imediata, os Projetos Especiais executados em parceria com o poder público (Governos Municipais, Estadual e Federal), sociedade civil e principalmente por iniciativa própria e de sua mantenedora, desenvolve e executa um conjunto de projetos e programas especiais de inclusão social, articulando educação básica, educação profissional de nível básico e economia solidária na perspectiva de criação de alternativas de trabalho e renda, desdobrando-se assim em três eixos fundamentais, que são: (1) Educação Profissional (Cursos Técnicos de Nível Médio em Eletrônica, Mecânica, Automação Industrial e Informática e os Cursos de Qualificação Profissional de Nível Básico); (2) Programas e Projetos de Inclusão Social e (3) Economia Solidária.

Pode-se observar que desde sua origem a escola esteve voltada para a formação profissional, sem esquecer que a Educação Básica também é parte do contexto, a base da socialização, da comunicação, da escrita, das descobertas de si e do universo que cerca, além de suas relações intrínsecas e extrínsecas, como sendo importante.

A Escola Técnica Mesquita, que em 2013 completará cinquenta anos, tem, desde sua inauguração, um olhar voltado para questões concernentes à educação no que diz respeito aos interesses da classe trabalhadora.

Sua incessante busca por uma prática pedagógica condizente com seu compromisso político por uma sociedade mais justa e igualitária vem ao longo do tempo aprendendo, aprimorando e desafiando-se a atuar – tendo o trabalho como princípio educativo – com uma proposta curricular que alargue o conceito de educação para além da cultura fragmentada, que historicamente constitui o currículo escolar no Brasil e na América do Sul.

Com essa preocupação a escola, por dentro das suas formações pedagógicas, tirou sua Proposta Político Pedagógica (PPP) da gaveta e discutiu com seu corpo docente o que deveria permanecer,

ser suprimido, quais deveriam ser as mudanças realizadas durante 2010 e 2011, com vistas a sua implementação em 2012, pois havia por parte da equipe diretiva, a avaliação de que era necessário reformulá-lo para melhor atender os princípios de uma Educação Popular e Libertária.

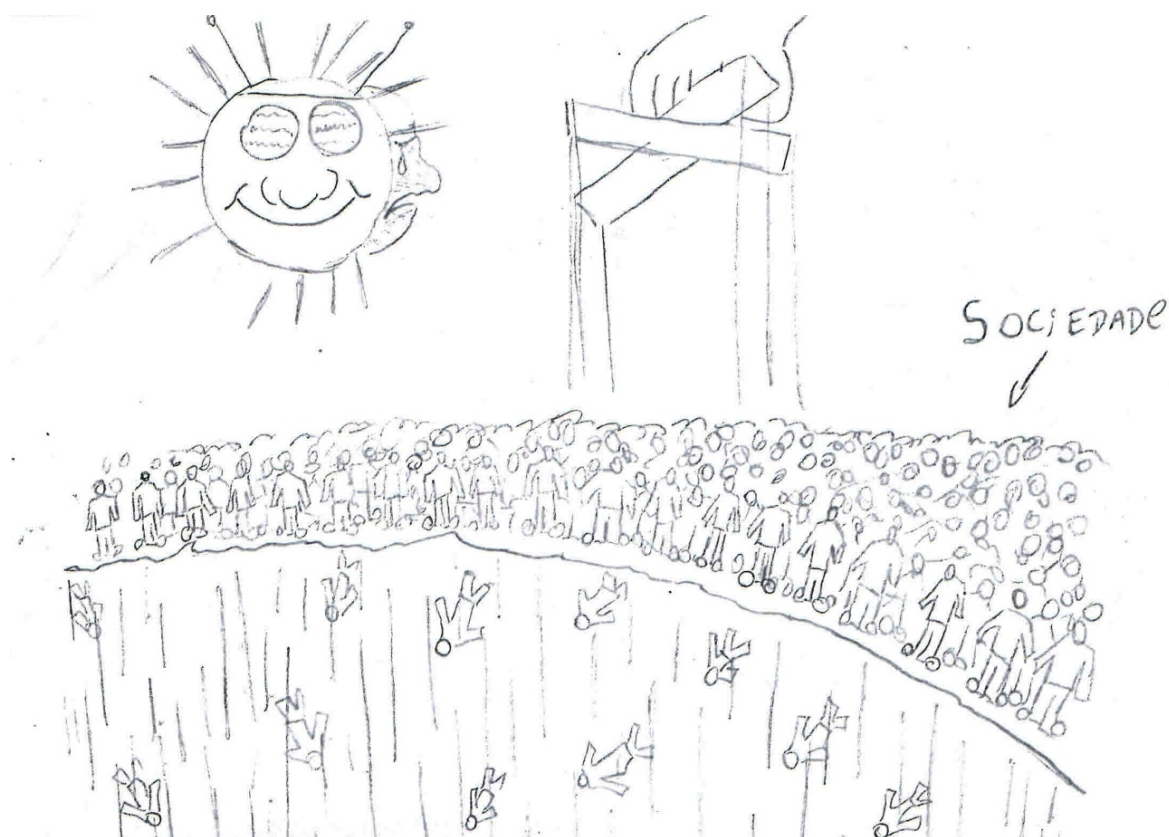
O componente curricular *Sociologia do Trabalho* é recente e passou a vigorar a partir deste ano, bem como a reestruturação mais ampla do currículo da escola. Sua implementação substituiu Relações Humanas (RH), o que gerava dúvidas sobre o conteúdo a ser trabalhado, ainda que houvesse o objetivo de discutir minimamente a complexidade do mundo do trabalho, no qual estamos inseridos.

Sociologia do Trabalho, em sua ementa de modo resumido intenciona, pedagogicamente, possibilitar a compreensão das contradições oriundas entre capital/trabalho na sociedade capitalista, demonstrando que as desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais são construções históricas complexas e processuais e que o conhecimento humano constitui-se dentro desses contextos, procurando neste sentido, desnaturalizar valores ético-morais implícitos, existentes para explicar e justificar preconceitos e discriminações.

Metodologicamente, parte da perspectiva da Educação Popular cujo diálogo entre educador e educandos/as pressupõe, em primeiro lugar, premissas teóricas implícitas contidas nas suas experiências cotidianas e em segundo lugar a compreensão que tiveram dos textos, poesias, crônicas trabalhadas, documentários e filmes exibidos, estimulando os mesmos a participarem coletivamente em pequenos grupos e no grande grupo do seu processo de aprendizagem.

A avaliação elaborada e aplicada no primeiro semestre de 2012, que provoca este artigo, ousou e arriscou-se a trazer para dentro do seu conjunto uma questão de caráter inteiramente subjetivo, quando solicitava aos educandos/as que registrassem o que compreendiam, - por meio de desenho, rima, poema, charge ou outra forma de expressão artística – sobre o conceito de alienação.

Neste contexto, os temas que surgem desta intenção pedagógica mais ampla, são muitos, em todo seu leque de atuação na escola. A recente experiência ocorrida no primeiro semestre do corrente ano, nas turmas do primeiro módulo dos cursos técnico de Mecânica, Eletrônica e Automação Industrial, tem nos exemplos do poema colocado na epigrafe e o desenho abaixo, os objetos de análise deste artigo.



Matheus Camboim(cursa o primeiro módulo de Automação Industrial da Escola Técnica Mesquita, turma 107 B).

Neste sentido, se faz necessário tornar claro o que foi trabalhado na primeira metade do trimestre, e que serviu como base teórica para que chegássemos a propor que o conceito de alienação fosse traduzido em alguma forma artística, a saber: o conceito de ideologia foi trabalhado tendo como base textos da professora Marilena Chauí e o pensador e militante socialista Antonio Gramsci; o conceito de alienação derivou de textos do professor Álvaro Vieira Pinto; já o conceito de trabalho teve o professor Sergio Lessa como referência, e o conceito de senso comum foi apresentado a partir do professor Nildo Viena e Antonio Gramsci, conjuntamente com recursos didáticos como documentários, crônicas, poemas e fotografias de Sebastião Salgado.

Levando em consideração que o trabalho, como princípio educativo não é uma técnica didática ou metodológica no processo de aprendizagem, mas um princípio ético-político (FRIGOTTO, 2005, p 60), é que pretendo refletir sobre como outras formas de comunicação sociais, utilizadas em outros espaços sociais, podem contribuir com a escola e como poderiam interagir pedagogicamente com a contradição entre a perspectiva de uma cultura fragmentada, que historicamente constitui o currículo escolar, e uma resposta que pressupõe uma elaboração mais sofisticada. É preciso uma leitura minimamente articulada da realidade, a unidade do saber pensar e o saber fazer, na medida em que o conceito de alienação trabalhado em sala de aula materializa-se numa síntese entre a

experiência percebida e a experiência vivida, em outras palavras estamos diante de uma possibilidade de alargarmos o conceito de educação dentro da escola.

Nesta contextualização pedagógica se faz necessário dialogar sobre os conceitos de ideologia, alienação, trabalho e senso comum e outros que terminam sendo incorporados às explicações, quando exemplificados e discutidos, sua apreensão torna-se relativamente tranquila, mas, diante de situações fictícias com base em situações concretas, o entendimento de até pouco, entra em rota de colisão, ou seja, a racionalidade contida nos conceitos cede diante dos valores implícitos no agir cotidiano.

Para explicitar relatarei rapidamente entre outras, a seguinte a situação: ao explicar aos educandos/as, como os termos imaginário social, inversão e silêncio se articulam com o intuito de dar movimento real ao conceito de ideologia, segundo a professora Marilena Chauí, os mesmos compreendem o conceito, mas ao colocar no quadro a sigla do Movimento Sem Terra (MST) e perguntar que imagens a sigla sugere, o que vem à tona são ideias como invasão, baderna, vagabundos e violência, ou seja, raramente alguma ideia de luta e organização. Quando perguntados o que sabem sobre o MST, sua origem, o que é o Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA), a Escola Florestan Fernandes e o que o MST coloca no centro do debate a nível nacional – a importância da reforma agrária – os educandos/as percebem que sabem muito pouco sobre o movimento e que a discussão gira em torno das consequências e não das causas, ou seja, as informações silenciadas permitiram a construção de um imaginário social que por sua vez inverteram a grandeza hierárquica da situação agrária no país. Em outras palavras, se dão conta que seus juízos de valores e opiniões são informados pela adulteração dos fatos.

A contradição entre valores implícitos no agir cotidiano e situações fictícias, com base em situações concretas, é percebida na perplexidade dos educandos/as e, em alguns casos, com certa dramaticidade existencial, o que oferece a contradição, movimento, densidade histórica, intensidade social e vida.

Reflexão Teórica: articulação entre o particular e o universal

Como começar uma reflexão teórica, a partir das produções/respostas representadas no desenho anexado a este artigo e no poema como epigrafe do mesmo? Acredito que o ponto de partida deva ser de como as manifestações universais podem ser apreendidas nas particularidades contidas nas articulações possíveis entre o currículo escolar e os espaços sociais.

Portanto, perceber a educação como espaço alargado, significa assumir as contradições sociais oriundas das relações capital x trabalho, que na escola manifesta-se entre a sua organização legal

institucional e suas consequências tácitas, reveladas que se traduzem no que a Sociologia da Educação denomina de currículo oculto.

O desenho do Matheus e o poema do Diego são uma resposta a esta contradição, que não pode ser expressa sob a perspectiva fragmentada do conhecimento, que exige direcionamento no atendimento específico pertencente a cada área de saber. Tanto o desenho como o poema representam um conhecimento prévio, no qual as pessoas estão submersas e atravessadas por meio de sensações e sentimentos causados pela sociedade, muitas vezes estranhos e negadores de relações sociais humanizadas. O desenho e o poema refletem a apropriação dos conceitos trabalhados em sala de aula em suas dimensões mais amplas e profundas, na medida, em que seus conteúdos foram recheados de *experienci-ações*, vivências individuais/coletivas.

As grades curriculares, presas em suas fronteiras epistemológicas, são, em certa medida, o cárcere do intelecto já que sua fragmentação dificulta o estabelecimento das relações entre si com o conhecimento, produzidos em outros espaços sociais.

A didática utilizada em Sociologia do Trabalho propõe estabelecer, em sala de aula, uma espécie de intersecção entre a experiência vivida (espaços sociais educativos informais) e a experiência percebida, representada pelos conceitos (conhecimento socialmente organizado) que possui na escola o seu habitat “natural”, procurando quebrar com as dicotomias entre pensamento e ação, comando e execução, política e técnica, enfim entre o trabalho intelectual e o trabalho manual.

Quando falo das contradições entre valores implícitos no agir cotidiano, e situações fictícias com base em situações concretas, com objetivo de promover em sala de aula uma reflexão, percebendo em alguns educandos/as perplexidade e em outros certa dramaticidade existencial, estou falando da intersecção entre a experiência vivida e a experiência percebida representada pelos conceitos, de *experienci-ações* conflitantes, desarticuladas, desagregadas, em suma em senso comum⁵.

Objetivamente, que contradições são essas? Como se produzem e reproduzem dentro da escola? O que fazer para compreender criticamente determinados padrões de pensar e se comportar socialmente? Seria importante superá-los? Por quê? Caso compreendêssemos que seria importante superá-los, por que muitas vezes não conseguimos?

⁵Senso comum, segundo Gramsci, é um conjunto de concepções de mundo contraditórias, desarticuladas e desagregadas, que representam momentos históricos diferentes, coexistindo no mesmo espaço/ tempo, quando seria necessário dar-lhes um caráter unitário, partindo do seu núcleo sadio para chegar-se ao bom senso. Para uma compreensão mais aprofundada ver Educación y ciudadanía La BusquedadelBuen Sentido em el Sentido Común de Miguel A. Etchegoyen.

Essas contradições manifestam-se na sociedade em geral de várias maneiras e, por conseguinte na escola, como as diferenças salariais entre homens e mulheres, entre brancos e negros, preconceitos étnicos, de gênero, homofobia, pela formação de grupos, estilos de vida, idade, aproveitamento escolar e a simultânea perda de identidades culturais em função do trabalho alienado, entre a grade curricular e as expectativas que os educandos/as trazem de fora para dentro da escola, e que não cabem na organização de ensino/aprendizagem.

Entendo que a produção e reprodução das mesmas contradições no interior da escola ocorrem por inércia, pois a intencionalidade pedagógica, embutida no PPP, não consegue transcender o conteúdo a ser atingido. Isto significa que o ponto de partida para discussão mais ampla sobre as relações sociais, na qual a escola e o próprio currículo estão inseridos, não parte do que os educandos/as trazem, mas sim do que previamente já está definido na grade.

A intersecção entre os conteúdos sistematizados fundamentais a serem trabalhados, em razão do curso técnico em questão (Mecânica, Automação Industrial, Eletrônica e Informática) e o saber adquirido em outros espaços sociais, devem ser o ponto de partida para abordarmos criticamente os temas oriundos das contradições acima expressas, manifestas em padrões de pensar e se comportar socialmente.

A importância de perceber estas contradições, descobrir os seus porquês e compreender os motivos pelos quais muitas vezes não se consegue “superá-las”, parece necessário que a intersecção seja vista como espaço onde o senso comum, que transforma a escola num local onde visões de mundo diferentes convivem, possam vir a ser recursos didáticos pedagógicos utilizados pelos educadores/as.

Visualizar esta intersecção, que afirma a educação como princípio unitário entre o mundo do trabalho e o mundo da cultura em nível de toda a vida social, sugere que a escola possa ser o espaço de “formação integral no sentido de completude, de compreensão das partes no seu todo ou da unidade no diverso, de tratar a educação como uma totalidade social, isto é, nas suas múltiplas mediações históricas, que concretizam os processos educativos” (CIAVATTA, 2005, p. 84), é fundamental.

A singularidade da experiência como perspectiva pedagógica e a articulação entre o particular e o universal, deve pensar a escola como espaço de visões de mundo diversas, aparentemente sem conexões que se autojustificam no senso comum.

A experiência em sala de aula é o agir sobre os textos, que intencionam dar ao senso comum um caráter unitário na sua desarticulação e desagregação, organizando a grade curricular e os espaços sociais educativos, estabelecendo conexões existentes entre a sociedade e a escola.

Compreender criticamente determinados padrões de pensar e se comportar socialmente sob o ponto de vista técnico, conceitualmente falando como se a existências dos mesmos pairassem acima ou fora da sociedade, é tranquilo mas compreendê-la, para sobre ela agir como se fosse possível não estar implicado, despertam questões difíceis por estarem, até o momento, fora do campo de visão de muitos educandos/as.

Ao observar o poema a partir de seu título *Influência* já há o sintetizar da hierarquia socioeconômica. Ao nos depararmos com “o maior controla o menor”, estamos diante da submissão advinda da hierarquia, “a necessidade leva a obediência” afirma o cinismo do discurso hegemônico desvelando-o ideologicamente, pois a ideologia é vista e comumente utilizada como um conjunto de ideias que tem como objetivo central inverter, adulterar, ocultar e justificar as desigualdades sociais e econômicas, as assimetrias políticas e culturais, existentes na realidade, falseando a consciência individual e coletiva. Quando “a mentira pode parecer verdade e o imoral pode parecer decência” estamos frente ao fetiche da mercadoria que, a possibilidade de ser feliz no presente está sempre no futuro, em outras palavras no que não temos. Nas últimas três linhas, onde o “nada” negador do “tudo” faz a madrugada repudiar o dia, Diego demonstra que a prepotência esconde-se na escuridão daquilo que não se consegue enxergar na madrugada.

Com relação ao desenho a sociedade é demonstrada diante de um sol brilhante e sorridente, que esconde o lado obscuro da manipulação frente ao abismo. Trata-se de uma imagem forte, direta, que passa a ideia de não haver alternativas, sugere subliminarmente uma escolha entre cair no abismo, ato de consciência desesperada de quem se depara com a face triste da realidade em que a humanidade se encontra, e a aceitação da marionete que, para controlar os povos, desenraiza as culturas da história que lhes dão sentido.

A partir da intencionalidade pedagógica alcança-se o núcleo sadio do senso comum e ao articulá-lo, organizá-lo, consegue-se estabelecer relações educativas capazes de inseri-los dentro de um contexto histórico social, em que suas experiências noutros locais podem ser visualizadas de maneira coerente nas suas interações específicas e gerais.

Os desenhos e os poemas são maneiras de suavização dos temas que questionam valores, que orientaram expectativas profissionais, realizações pessoais e sonhos de vida até o presente, tendo como base a competitividade e o individualismo, que se justificam na meritocracia escolar voltada para a disputa do mercado de trabalho.

Penso que problematizar pedagogicamente, buscar respostas educativas para determinados “maus estares sociais”, que não conseguimos identificar – num primeiro momento – as causas, mas sabemos que existem passa pela “(des) escolarização curricular”, sair da grade e seu significado

histórico é possível basta ousarmos e trazermos para dentro da escola outras maneiras de percepções da realidade social.

Conclusão

“O mais velho erro do racionalismo foi supor que definido o não-racional como não fazendo parte do seu vocabulário havia, de alguma forma, conseguido eliminá-lo da vida”(THOMPSON, 1981, p. 196).

Começo esta conclusão citando Thompson por entender que o desafio pedagógico que se coloca para o próximo período, é problematizar o protagonismo docente na criação de alternativas para solucionar os problemas da educação no Brasil e na América Latina, de dentro das salas de aulas e escolas por meio de reflexões coletivas com seus educandos/as e seus pares.

Respeitar e não descartar o legado teórico do qual somos herdeiros é fundamental, mas não podemos abrir mão de refletirmos sobre o que é definido como não racional, portanto, protagonismo docente deve ser compreendido, tendo a participação democrática⁶ como prática a ser vivenciada no seu cotidiano, num movimento de dentro da sala de aula para dentro da escola e desta para a sociedade.

Neste sentido, trazer para dentro da escola outras formas de comunicação sociais, utilizadas em outros espaços sociais, interagir pedagogicamente com a contradição entre a perspectiva de uma cultura fragmentada, que historicamente constitui o currículo escolar, e uma resposta que pressupõe uma elaboração, na qual é preciso uma leitura minimamente articulada da realidade, são premissas indispensáveis. A unidade do saber pensar e do saber fazer são importantes, na medida em que os educandos/as sentem-se mais à vontade e confiantes por estarem produzindo e demonstrando o entendimento dos conceitos trabalhados em sala de aula, de maneira que suas percepções sociais são respeitadas, permitindo a discussão fluir com naturalidade e flexibilidade.

⁶A democracia neste contexto é compreendida para além das instâncias de decisões juridicamente existentes nas escolas, onde muitas se tornam reféns de exigências burocráticas, divorciando-se de uma práxis cotidiana não formal, não permitindo tornar pedagógica a perspectiva política da educação com relação à própria unidade escolar, bem como em relação à sociedade, na medida em que se distanciam de acordos provisórios, que ocorrem em tempo real obedecendo às necessidades e desafios do hoje, do agora das salas de aula.

A intencionalidade pedagógica efetivada em Sociologia do Trabalho e os resultados surgidos nas discussões dos pequenos grupos e grande grupo, trouxe a possibilidade dos educandos/as (naquele espaço/tempo) experienciarem vivências totalizantes⁷.

A intensidade das discussões, a pertinência das questões levantadas e a perplexidade diante de fatos incontestáveis, vivenciados integralmente no presente, suspendeu naquele interregno de tempo o fetiche da mercadoria. Eliminava-se temporariamente o eterno viver no futuro, da ilusão do valor de troca representadas pelas grifes, que para ditarem tendências, modas e estilos de vida, alienam o indivíduo, pois nutrem-se do desenraizamento social das mais variadas matrizes culturais, sem as quais a História do Brasil e da América Latina não podem ou não poderiam ser contadas.

Deparar-se e refletir sobre a intersecção entre a experiência vivida e a experiência percebida, é ter o olhar voltado para o passado, segundo Thompson é mediar situações reais em espaços históricos reais, onde sentimentos que não são palpáveis ou mensuráveis podem ser previstos e emergem com toda a força de sua dramaticidade, mostrando as evidências históricas até então conhecidas, as necessidades de outras formulações e perguntas que desafiam o pensar. (THOMPSON, 1981, p. 16 - 19).

Neste sentido, as premissas teóricas implícitas nas ideologias⁸, contidas na sociedade pelas quais as pessoas optam para justificarem suas existências, não podem ser tratados como simples “escolhas” desta ou daquela concepção de mundo, mas também, como um fato psicológico, pois interfere na ação direta de indivíduos, oferece explicação intrínseca ao comportamento: quando “entendo” por que estou agindo, também estou respondendo “quem sou eu”. (RUIZ, 1998, p. 14).

Por fim, o que fica desta experienci-ação, é a sensação de tê-los (educandos/as) por inteiro em sala de aula, o poema e o desenho são vivências totalizantes que expressam com criatividade e sensibilidade à singularidade de cada educando/a, que ao se deparar com temas que auxiliem construir o bom senso, demonstram a universalidade das causas que manifestam-se na particularidade daquele momento impar e único. Cabe a nós, educadores/as proporcionar estes espaços contextualizando-os historicamente a partir do mundo do trabalho.

Bibliografia

ARROYO, Miguel. **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003 SSN 1645.

⁷Ver texto de Miguel Arroyo, “Pedagogias em Movimento: o que temos aprender com os Movimentos Sociais?”

⁸O conceito de ideologia para Gramsci é contraditória e movimenta-se a partir de sua estrutura interna, constituída pelo estatuto ontológico, gnoseológico e axiológico-normativo (SANTOS, 1987, p. 88), que se movimenta na sociedade, a partir do tripé: valor gnoseológico, premissa teórica implícita e validade psicológica.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho e o ensino médio. In Ensino Integrado Concepção e Contradição. São Paulo: Cortez, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

ETCHEGOYEN, A. Miguel. **Educación y ciudadanía La BusquedadelBuen Sentido em el Sentido Común**. Buenos Aires,Argentina, Stella, 2003.

Civilização Brasileira, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Concepções e Mudanças no Mundo do Trabalho e o Ensino Médio.In Ensino Integrado Concepção e Contradição. São Paulo: Cortez, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.).**Educação e Crise do Trabalho: perspectiva de final de século**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

MORAES, Maria Célia Marcondes e MÜLLER, Ricardo Gaspar. **História e experiência de E.P. Thompson à pesquisa em educação**. Perspectiva, vn. 02, 329 – 349, jul/dez. 2003.

RUIZ, Erasmo Miessa. **Freud no “Divã” do cárcere Gramsci analisa a psicanálise**. Campinas, SP: Autores associados, 1998.

SANTOS, João de Almeida. **O princípio de Hegemonia em Gramsci**. Lisboa: Vega, 1987.

THOMPSON, E.P. **A miséria da Teoria ou um planetário de erro uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.